

## VIOLÊNCIAS OBSTÉTRICAS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE DA MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

### OBSTETRIC VIOLENCE AND ITS IMPACTS ON WOMEN'S HEALTH: INTEGRATIVE REVIEW

Amanda Lucas Mendes<sup>1</sup>

Macerlane de Lira Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A violência obstétrica pode ocorrer em diversas fases do ciclo gravídico-puerperal e se caracteriza por condutas abusivas, desrespeitosas e desumanas durante o atendimento prestado à mulher no pré-natal, parto, pós-parto e abortamento, frequentemente desconsiderando seus direitos e autonomia. Dessa forma, têm-se como questão norteadora: quais os impactos da violência obstétrica na saúde da mulher e de que forma os profissionais de saúde podem contribuir para a redução dessa violência? Para respondê-la, o presente estudo tem como objetivo analisar os diferentes tipos de violência obstétrica e seus impactos na saúde das mulheres, com ênfase nos efeitos físicos, emocionais e sociais decorrentes de tais práticas. Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão integrativa, baseada na análise de produções científicas publicadas entre 2019 e 2023. Como resultados, foram identificados os principais tipos de violência obstétrica e suas consequências, como lesões físicas, infecções, além de efeitos psicológicos significativos, tais como ansiedade, depressão e transtornos de estresse pós-traumático. A pesquisa também abre uma discussão sobre a importância da humanização do parto como estratégia fundamental para a prevenção e enfrentamento da violência obstétrica, promovendo um cuidado mais acolhedor, respeitoso e centrado na mulher, com potencial para melhorar seu bem-estar físico e emocional.

2365

**Palavras-chave:** Parto humanizado. Violência obstétrica. Assistência humanizada.

**ABSTRACT:** Obstetric violence can occur at different stages of the pregnancy-puerperal cycle and is characterized by abusive, disrespectful and inhumane behavior during the care provided to women during prenatal, childbirth, postpartum and abortion care, often disregarding their rights and autonomy. Thus, the guiding question is: what are the impacts of obstetric violence on women's health and how can health professionals contribute to reducing this violence? To answer this question, this study aims to analyze the different types of obstetric violence and their impacts on women's health, with an emphasis on the physical, emotional and social effects resulting from such practices. This is an integrative review study based on the analysis of scientific productions published between 2019 and 2023. The results identified the main types of obstetric violence and their consequences, such as physical injuries, infections, and significant psychological effects, such as anxiety, depression, and post-traumatic stress disorders. The study also opens a discussion on the importance of humanizing childbirth as a fundamental strategy for preventing and addressing obstetric violence, promoting more welcoming, respectful, and woman-centered care, with the potential to improve their physical and emotional well-being.

**Keywords:** Humanized childbirth. Obstetric violence. Humanized care.

<sup>1</sup>Centro Universitário Santa Maria.

<sup>2</sup>Orientadora Centro Universitário Santa Maria.

## INTRODUÇÃO

A obstetrícia é reconhecida como uma especialidade médica essencial por lidar com a saúde da mulher durante a gestação, o parto e o pós-parto, uma vez que desempenha papel crucial na prevenção de complicações maternas e neonatais (Barbosa, 2020). Já o parto se apresenta como um evento fisiológico, emocional e social, marcado tanto por processos naturais do corpo feminino quanto por vivências emocionais intensas e impactos socioculturais (Commadre *et al.*, 2019).

Contudo, estudos apontaram que, ao longo da gestação e do trabalho de parto, muitas mulheres vivenciaram práticas desrespeitosas e abusivas, o que motivou o surgimento de movimentos em defesa do parto humanizado e o reconhecimento da violência obstétrica (Valiente *et al.*, 2022). Essa violência incluiu procedimentos desnecessários e sem respaldo científico, resultando em danos físicos e psicológicos, e, em casos extremos, na morte do bebê (Bitencourt *et al.*, 2022). Conforme a Fiocruz (2023), tratou-se de uma apropriação do corpo feminino por profissionais de saúde, com perda da autonomia da mulher.

Dessa forma, foram identificadas diversas formas dessa violência — verbal, física e psicológica — manifestadas por atos como episiotomia sem consentimento, manobra de Kristeller, cesáreas desnecessárias, entre outros (Araújo *et al.*, 2022; Bernardo; Queiroz, 2020). Tais práticas violam direitos humanos básicos e indissociáveis, perpetuam a violência estrutural e impactam negativamente a busca por cuidados futuros (Silva *et al.*, 2020).

Além disso, a violência obstétrica, infelizmente, faz com que muitas mulheres transformem um momento esperado, como o parto, em uma experiência traumática (Costa *al.*, 2020). Com isso, frente ao número elevado de cesáreas desnecessárias, reforçou-se a urgência do parto humanizado como forma de garantir partos seguros e respeitosos (Oliveira, 2019). Apesar de políticas públicas como a Rede Cegonha e diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde (MS), ainda há muitas dificuldades para a efetiva implementação de práticas humanizadas (Morteralo *et al.*, 2024; Leal *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, surge a seguinte questão norteadora: quais impactos a violência obstétrica causou na saúde da mulher e de que maneira os profissionais de saúde podem contribuir para sua redução? Para respondê-las, a pesquisa tem como objetivo geral identificar formas de violência obstétrica e destacar, por meio de uma revisão integrativa, as práticas de

assistência humanizada capazes de minimizar danos físicos e emocionais; e como objetivos específicos: Discorrer sobre as violências físicas e psicológicas na obstetrícia e discutir sobre a importância da humanização do parto como estratégia fundamental para a prevenção e enfrentamento da violência obstétrica. A análise dos dados permitiu compreender os efeitos dessas práticas e refletir sobre estratégias para promover um parto mais seguro, digno e respeitoso.

Ao abordar este tema por meio de uma revisão integrativa, pretendeu-se entender as diferentes manifestações da violência obstétrica e os impactos associados, além de discutir estratégias para promover a humanização do parto. Portanto, a pesquisa mostra-se relevante, pois contribui para o entendimento da relação entre práticas obstétricas e a saúde das mulheres, além de oferecer subsídios para a implementação de políticas públicas mais eficazes que garantam o respeito aos direitos reprodutivos das mulheres, promovendo um atendimento mais seguro e digno no momento do parto.

## OBJETIVOS

### Objetivo geral

Identificar tipos de violências obstétricas e seus impactos na saúde da mulher.

2367

## MÉTODO

Esta pesquisa foi conduzida por meio de uma Revisão Integrativa, que possibilitou a análise sistemática da literatura existente acerca da violência obstétrica e seus impactos na saúde da mulher. A metodologia permitiu a inclusão de diferentes tipos de estudos publicados, como artigos científicos, dissertações e documentos relevantes ao tema, proporcionando uma compreensão abrangente das práticas abusivas e suas consequências.

Para tanto, a revisão seguiu etapas bem definidas: a formulação da questão norteadora, o estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, a busca nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO, a seleção dos estudos, a análise crítica dos dados e a apresentação dos resultados. Foram considerados apenas trabalhos publicados entre 2019 e 2024, em português ou inglês, com abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa. Excluíram-se ensaios clínicos, estudos de caso, pesquisas que envolvessem outras categorias profissionais da saúde e

publicações em idiomas distintos do português e inglês.

Utilizaram-se ainda os descritores: “enfermagem”, “violência obstétrica” e “maus-tratos”, além das palavras-chave: “parto humanizado”, “violência obstétrica” e “assistência humanizada”. A amostragem final incluiu 15 artigos que atenderam aos critérios estabelecidos, os quais foram analisados e organizados para identificar padrões, lacunas e contribuições no campo da assistência humanizada ao parto. Esta abordagem possibilitou uma visão consolidada do tema, oferecendo subsídios para o aprimoramento das práticas profissionais e das políticas públicas voltadas à proteção da mulher.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

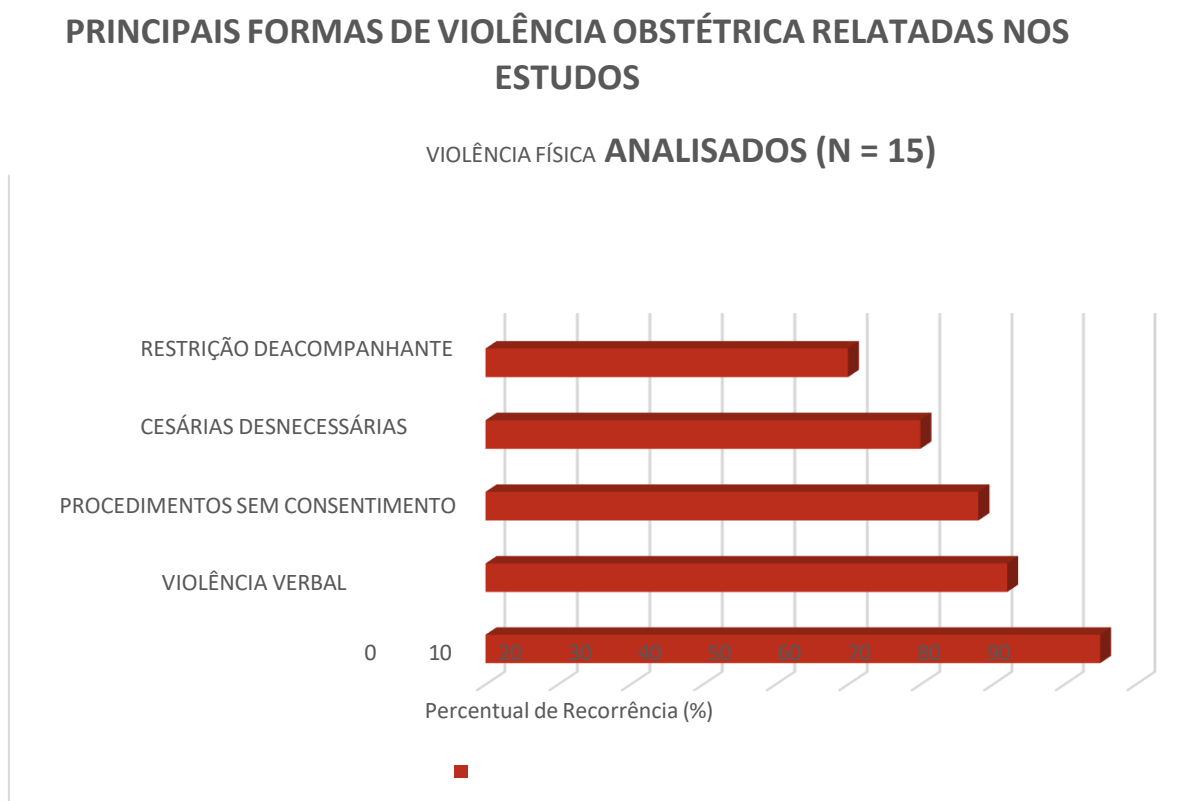
Com o seguinte estudo ficou evidente todos os tipos de violências obstétricas, essas violências podem ser físicas, psicológicas e geram danos a saúde da mulher. Muitas vezes esse tipos de violências ocorrem por ausência de informação por parte da parturiente. Violência verbal, privação de acompanhante, episiotomia, cesariana e procedimentos sem necessidade são exemplos de violências obstétricas. Para além dos danos físicos, a violência gera impactos emocionais e psicológicos duradouros, Por fim ficou evidente que as violências obstétricas geram danos físicos e comportamentais. A violência obstétrica permanece como uma prática recorrente e preocupante nos serviços de saúde brasileiros, apesar dos avanços nas legislações e diretrizes que visam promover o parto humanizado. A humanização do parto está diretamente ligado aos direitos humanos, desta forma o objetivo deste trabalho é identificar possíveis violências obstétricas e seus impactos na saúde da mulher.

2368

A análise dos 15 artigos selecionados revelou um panorama alarmante sobre as formas de violência obstétrica praticadas em contextos hospitalares no Brasil. Observou-se ainda que apesar dos avanços em políticas públicas e das diretrizes nacionais e internacionais que preconizam o parto humanizado, práticas violentas ainda persistem nos serviços de saúde.

A seguir, a Tabela 1 apresenta as formas de violência obstétrica mais frequentes identificadas na amostra da presente pesquisa:

**Tabela 1** – Principais formas de violência obstétrica relatadas nos estudos analisados



**Fonte:** Autor, 2025.

A forma de violência obstétrica mais relatada nos estudos foi a violência verbal, identificada em 85% dos artigos, caracterizada por xingamentos, sarcasmo, gritos e ameaças durante o trabalho de parto. Em seguida, destacaram-se os procedimentos realizados sem o devido consentimento da gestante (72%), como episiotomias, manobras de Kristeller, administração de ocitocina e toques excessivos. As cesáreas desnecessárias também apareceram com frequência (68%), evidenciando a medicalização excessiva do parto e a violação do direito à escolha da mulher.

Além disso, outros tipos de violência relatados incluíram a restrição da presença de acompanhantes (60%), o que contraria a Lei do Acompanhante (Lei nº 11.108/2005), e a

violência física direta, como contenções forçadas, que apareceu em 50% dos estudos.

Esses dados refletem a permanência de práticas obstétricas coercitivas e a dificuldade de implementação efetiva da assistência humanizada, mesmo em unidades de saúde públicas que, teoricamente, seguem as recomendações do Ministério da Saúde (MS) e da Organização

Mundial da Saúde (OMS). A análise mostrou, ainda, que a violência obstétrica pode ocasionar impactos psicológicos duradouros, como depressão pós-parto, transtorno de estresse pós-traumático e recusa em novas gestações, comprometendo significativamente a saúde mental da mulher.

Apesar da existência de legislações e iniciativas como a Rede Cegonha, constatou-se uma lacuna entre o proposto pelas políticas públicas e a prática efetiva nos serviços, muitas vezes marcada por atitudes naturalizadas de dominação e desrespeito à autonomia da mulher. Estudos como os de Leal *et al.* (2021) reforçam essa constatação, ao indicar que uma em cada quatro mulheres sofre alguma forma de violência durante o parto.

Dessa forma, fica evidente a urgência de ações educativas e de sensibilização das equipes multiprofissionais, bem como o fortalecimento das políticas públicas que garantam à mulher um parto respeitoso, seguro e centrado em suas necessidades e escolhas.

2370

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa permitiu evidenciar que a violência obstétrica permanece como uma prática recorrente e naturalizada nos serviços de saúde, comprometendo diretamente a integridade física, emocional e psicológica das mulheres. Dentre os principais tipos de violência obstétrica identificados nos estudos analisados, destacaram-se a violência verbal, a realização de procedimentos sem consentimento, a alta taxa de cesáreas desnecessárias, a restrição da presença de acompanhantes e atos de violência física.

A persistência dessas práticas, mesmo diante de legislações específicas e diretrizes internacionais voltadas à humanização do parto, revela a distância entre o discurso normativo e a realidade vivenciada pelas mulheres nos ambientes hospitalares. Como consequência, a análise apontou, ainda, que a violência obstétrica tem impactos negativos duradouros, como traumas psicológicos, sentimento de culpa, medo de novas gestações e ruptura da relação de confiança com os profissionais de saúde.

Dessa forma, reforça-se a importância da capacitação contínua das equipes multiprofissionais, da valorização do protagonismo feminino no processo do parto e da efetivação de políticas públicas que garantam o respeito aos direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres. A conscientização sobre a violência obstétrica e seus efeitos é um passo essencial para a transformação da prática obstétrica tradicional em uma assistência ética, humanizada e centrada na mulher.

Por fim, os resultados desta revisão contribuem para ampliar o debate científico sobre a temática, ao mesmo tempo que oferecem subsídios para a formulação de estratégias de enfrentamento à violência obstétrica, promovendo uma assistência mais digna, segura e respeitosa no âmbito da atenção à saúde materna.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. L.; BEZERRA, T. A.; CORNÉLIO, D. A.; FARIAS, F. C. **Violência obstétrica: uma visão sobre desinformação de mães atendidas em ambiente hospitalar**. 2022. Disponível em: <https://falog.edu.br/wp-content/uploads/2023/03/ARAUJO-A.BEZERRA-T.-FARIAS-F.-CORNELIO-D.2022.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BARBOSA, J. **Obstetrícia: princípios e práticas**. 2. ed. São Paulo: Editora Médica, 2020. Disponível em: [https://www.saude.pi.gov.br/uploads/document/file/1520/Manual\\_Conduas\\_em\\_Ostetricia.pdf](https://www.saude.pi.gov.br/uploads/document/file/1520/Manual_Conduas_em_Ostetricia.pdf). Acesso em: 14 dez. 2024.

BITENCOURT, A.; et al. **Violência obstétrica para os profissionais que assistem ao parto**. *Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil*, v. 22, p. 953-961, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/WTdCwpYf5CrLpWL5y4wYfMp/?lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2024.

COMMADRE, E. **A importância da humanização no atendimento ao parto: reflexões sobre práticas e políticas**. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/i/2024.v24/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

COSTA, R.; et al. **Políticas públicas de saúde ao recém-nascido no Brasil: reflexos para a assistência neonatal**. *História da Enfermagem - Revista Eletrônica*, v. 1, n. 1, p. 55-68, abr. 2010. Disponível em: <https://aben.emnuvens.com.br/here/article/view/201>. Acesso em: 16 nov. 2024.

DE SOUZA, S. Z.; ROQUE, J. S. **Revisão integrativa sobre violência obstétrica e seus impactos na saúde da mulher no Brasil**. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 11, p. 2113-2121, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/4128>. Acesso em: 13 dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. **Violência Obstétrica: conceitos e evidências**. Rio de Janeiro, 24 ago. 2023.

Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao/mulher/violenciaobstetricaconceitos-e-evidencias/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

MENDES, A. P. D.; GALDEANO, L. E. **Percepção dos enfermeiros quanto aos fatores de risco para vínculo mãe-bebê prejudicado**. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 2006. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Percepcao-dos-enfermeirosquanto-aos-fatores-de-risco-para-vinculo-mae-bebe-prejudicado.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MORTELARO, P. K.; et al. **Da Rede Cegonha à Rami: tensões entre paradigmas de atenção ao ciclo gravídico-puerperal**. *Saúde em Debate*, v. 48, n. 140, e8152, 2024.

Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2024.v48n140/e8152/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

OLIVEIRA, L. M.; et al. **Violência obstétrica na operação cesariana: a necessidade de humanização do nascimento**. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 5, n. 4, p. 89-102, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/29489>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ROCHA, N. F. F.; FERREIRA, J. **A escolha da via de parto e a autonomia das mulheres no Brasil: uma revisão integrativa**. *Saúde em Debate*, v. 44, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gv6DSVLwCqFZvxVDLCKTxlL/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SANTIAGO, T.; et al. **Violência Obstétrica: uma revisão de literatura**. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 5, p. 5561-5576, 2023. Disponível em: <https://bjihis.emnuvens.com.br/bjihis/article/view/1038>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SILVA, G. R. Tipos de violência obstétrica e seus impactos na saúde da mulher no Brasil.

2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5536>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SILVA, T. M.; SOUSA, K. H.; OLIVEIRA, A. D.; AMORIM, F. C.; ALMEIDA, C. A. **Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos**. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/C8VTQNXNTF8whR9QFbQvZDP/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 5 out. 2024.

VALIENTE, N. G. L.; et al. **Consecuencias físicas y psicológicas de la violencia obstétrica en países de Latinoamérica.** *Revista Científica del Instituto Nacional de Salud*, v. 6, p. 70, 2023. Disponível em: <https://camjol.info/index.php/alerta/article/view/1523>. Acesso em: 13 dez. 2024.